

Ponto cruz

Jussara Helene

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Nó apertado

O tecido marrom cobre minhas pernas.

Tudo começou com minha tataravó. Uma mulher nascida da mata, caçadora do próprio alimento. Uma mulher pega a laço, laço apertado. Pega feito bicho agourento.

Foi tecendo o xale que minha tataravó ganhou força pra romper os laços, aqueles fios que prendem a gente, sem saber o porquê. Um fio de medo, nascido do tempo, dos gritos, socos e pontapés. Tentaram amansar minha Tata feito bicho. Mas a cada nó do xale Tata fincava o pé na coragem e espantava o medo, ali não ia ficar. E Tata foi embora, sem olhar para trás.

E carregou a filha parida antes do tempo.

Bisa trazia no corpo a mesma sina de Tata, sina de mulher marcada com ferro quente, como bicho com a letra daquele que se diz proprietário. Quanta dor no coração carregou Bisa, mulher roubada pelo irmão. Bisa mulher com a casa caída. Fogo soprando, varrendo o chão, lambendo a pele de vovó.

Vovó com sua perna coxa pariu três filhos, só vingou a menina, menino na família não vinga, homem mesmo só os de fora.

Tudo começou com minha tataravó, que passou para bisa, depois pra vovó, e por fim minha mãe.

E mãe com a barriga crescendo, com meu pai fugido, ou morto, ou apenas esperando em algum lugar a poeira abaixar. Mãe implorou para eu não nascer, já era tempo de romper o fio do destino das mulheres e suas sinas. Mas no fundo sabia que eu tinha de por minha marca nesta vida, eu também sou parte das mulheres caídas, acuadas, fêmeas abatidas protetoras das crias.

E aquele que se dizia meu pai voltou pra ficar. Mãe sentindo a hora se aproximando. Sentindo que logo o tiro entraria pelo ouvido, queimando e rasgando sua cabeça. E o sangue tingiria a parede em cruz, a mesma cruz que eu carregaria no peito. O sinal de quem é predestinada a cortar a maldição.

Fui embalada no xale por ela iniciado.

Ali protegida senti o estrondo da bala certa, bala que carregava o pedido.

Por minhas mãos o xale seria terminado.

O tecido marrom cobre minhas pernas.

Xale inacabado.

Na caixa de madeira envelhecida os carreteis de fitas. Chegou a hora de tudo acabar.

Nas mãos sinto os dedos entrelaçados.

Minha tata, bisa, avó e mãe.

Elas me ajudam a prender as fitas com nós, uma ao lado da outra, até completar os lados do quadrado.

Uma fita, dois nós. Não pode soltar.
Um nó, um rezo.
Cada rezo uma alma.
Chegam com suas ladainhas, ressoando pelo norte, sul,
leste e oeste.
Seguram velas, iluminam o caminho.
Cada rezo um pedido. Pedidos trançados nos cabelos. E
depois quando soltos, entregues ao vento.
Fita roxa. O tecido resiste.
Coloco mais força. A fita rompe o tecido.
Nos dedos, o sangue. Sangue pesado, escuro, morto.
Fita passa apertada. Vento sopra em fúria.
As copas das árvores se curvam, mas não se rendem. Es-
curidão sem estrelas, sem lua. Riscos amarelos no céu, lanças
fincam na terra.
Aperto o nó.
Passos estão mais perto, sinto a terra tremer.
Aperto o nó.
Respiração mais forte, sinto o ar quente chegando.
Aperto o nó.
Cheiro do álcool domando.
Aperto o nó.
Tilintar da faca.
Aperto o nó.
Lâmina risca meu braço.
Aperto o nó.
Cheiro de carne queimada.
Aperto o nó.
Cigarros se apagam em meu ventre.

Último nó.
Elas chegam com suas velas.
Cantam as ladainhas.
Flor morta.
Flor seca.
Corpo azulado
ossos quebrados
um crânio
um machado
sangue.
Última inspiração.
Último nó.

Mulher-Bala

I

Rosa mantém seu ritual de todas as noites.

Nas mãos um recorte de jornal com data apagada pelo tempo. Zazel, 14 anos, entra para história do circo. Primeira bala de canhão humana.

Uma mulher. Uma mulher é a primeira pessoa a subir em um canhão. Zazel é a primeira mulher-bala. Ela conquista multidões. Fogos explodindo. O corpo é a própria magia, uma estrela cadente diante da multidão. Aplausos, assovios, gritos, espantos. Uma mulher.

Todas as noites, Rosa convoca Zazel.

Todas as noites, Zazel seca as lágrimas de Rosa. Seca suas lágrimas através de Negro.

II

O tempo afasta Zazel de Rosa. É sempre assim, as alegrias são soterradas pelo tempo. Esquecida no fundo de uma gaveta a mulher-bala se esfarela, como outras tantas coisas de Rosa. Zazel se torna uma estampa sem contraste, apagada na memória.

Hoje Rosa é apenas uma paisagem descolorida. Um tapete quase outono, sem vida, um tapete aos pés do caramanchão de flores desbotadas, folhas com o amarelo sobrepondo o verde.

Rosa vai se fechando por dentro e por fora. O vestido preto e longo, esconde as pernas e braços sem carne, a ausência do sol reflete na pele azulada. Olhos ganham cor de morte, os sonhos são sepultados.

O jornal se desfaz.

Zazel despenca no poço.

No ar um aroma de ausência.

Vazio, buraco sem fundo.

Lá fora desfila o burburinho da família.

No quarto, Rosa. Negro.

Lá fora Zazel.

III

Negro salta pela janela, seu corpo não tem mais a leveza do passado. Seu corpo pesado, lento, carrega todos os sonhos de Rosa, sonhos guardados na esperança de reascender a chama nos olhos de sua eterna companheira.

Anos lutando pela sobrevivência, anos lutando para resistir e existir na família onde o diferente não é bem-vindo.

Negro desfila no parapeito da janela. Infla o peito, eriça o pelo, deixa o rabo tocar o céu.

Rosa entende o chamado, o chinelo ganha agilidade e não mais rasteja pelo chão. Negro reflete nas pupilas de Rosa. A respiração ganha uma longa pausa.

Um circo.

Lá fora a lona se movimenta em fúria. O vento grita cortando o mastro decorado com bandeiras vermelhas.

No alto surge Zazel, a mesma Zazel de anos atrás. O tempo foi condescendente com Zazel.

Zazel. Zazel. Linda. A primeira mulher-bala do mundo.

A volta de Zazel é outro marco na história do circo.

Ela está ao alcance de Rosa, tão próxima como jamais imaginou. Seriam uma só daqui para frente.

Rosa só pensa em alcançar Zazel.

IV

Vozes não mais reconhecidas por Rosa se amontoam dentro de seu ouvido.

Rosa abraçada com Negro. Crianças atravessam em seus corpos. Adultos conversam, esbarram, e Rosa não reage.

O mesmo filme de anos. Os personagens crescem, desaparecem, novos chegam. Sempre o mesmo roteiro.

Rosa e Negro na janela. Lá fora o circo.

Lá fora as luzes se misturam. A vida pulsa.



Dados da autora

Instagram: @jussarahelene



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em outubro de 2023.
